

**Paisagens caboclas:
Vestígios e resistências no interior de Santa Catarina**

*Caboclos Landscapes:
Traces and resistances in the interior of Santa Catarina*

Lilian Louise Fabre Santos

Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo IPHAN, Brasil.
Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

E-mail: arqlilianfabre@gmail.com

Soraya Nór

Doutora em Geografia pela UFSC, Brasil. Professora do Departamento de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

E-mail: soraya.nor@ufsc.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de tese em andamento que pretende contribuir na discussão sobre a identidade cabocla no estado de Santa Catarina, Brasil¹. Os caboclos são um grupo social historicamente colonizado, expropriado e invisibilizado nas políticas urbanas e de preservação do patrimônio cultural. Santa Catarina, marcada por uma narrativa predominante de herança europeia, tem historicamente negligenciado as contribuições e a presença cabocla em sua formação sociocultural. Neste contexto, objetiva-se visibilizar a presença deste grupo na formação da paisagem urbana de cidades do interior de Santa Catarina.

Nosso recorte territorial é o planalto serrano catarinense, com especial interesse no município de Lages/SC, centro desta mesorregião. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e exploratória inserindo-se no campo da problematização e da reflexão. Para investigação e compreensão da paisagem optamos por utilizar o materialismo histórico dialético, para, através da paisagem urbana apontar para os vestígios que demonstram que a identidade cabocla persiste e se reconstrói nas cidades catarinenses.

2 A PAISAGEM CABOCLA CATARINENSE

Caboclo é um termo bastante utilizado em todo o Brasil, geralmente de maneira pejorativa, relacionando ao caboclo as qualidades rurais, descendência indígena e “não civilizada”, que contrastam com as supostas qualidades urbana e branca do grupo hegemônico. Porém, no caso de Santa Catarina, caboclo é uma identidade cultural, que poderia ter suas referências reconhecidas como patrimônio, se seus modos de vida não fossem discriminados e suas práticas culturais silenciadas. A literatura existente aponta elementos como conhecimentos sobre a natureza transmitidos de geração a geração por meio da oralidade; a perpetuação da

¹ Pesquisa aprovada em 04 de fevereiro de 2024 no Comitê de ética da Universidade Federal de Santa Catarina (CAAE: 74374323.0.0000.0121).

crença ao Monge João Maria²; a valorização do meio comunitário e familiar; o trabalho voltado à subsistência e sem interesse no acúmulo de capital (Brandt e Nodari, 2011), mas também aponta que, o que forjou o caboclo, foi o processo de colonização do território, que causou sucessivas expropriações e os movimentos de migração entre áreas rurais e urbanas (Renk, 2008).

Deste processo destacamos o ciclo da madeira, período de intensa exploração da Araucária que acelerou o processo de êxodo da população campestre (grande parte cabocla) para as áreas urbanas. O autor catarinense Guido Vilmar Sassi, através da sua literatura regional expressava o trágico cotidiano dos caboclos que migravam das áreas rurais do interior do estado de Santa Catarina para trabalhar nas madeiras e serrarias localizadas nas cidades da região do planalto serrano:

O pinheiro se erguia ali, a dois passos da casinha, completando-a; ou melhor, este é que era complemento daquele. Se João Onofre fosse pintor, e se tivesse de pintar uma tela onde aparecesse um anjo da guarda, na certa que tê-lo-ia imaginado gigantesco e forte, imitando o talhe escuro do pinheiro, com as suas múltiplas asas verdes abertas, a proteger a fragilidade mesquinha da casa anã. Se João Onofre fosse poeta, haveria de compor um poema dedicado ao seu pinheiro, immortalizando-o em versos. Mas ele não conhecia os mistérios da métrica nem os segredos da rima. Amava a árvore a seu modo, na sua maneira rude. Sentimentalmente, sim, mas sem poesia. Servia-se dela – era tudo (Sassi, 1982. p.13).

Partimos deste trecho retirado do conto “Amigo Velho”, para refletir sobre como se conforma a paisagem cabocla catarinense. Dos pinheiros da espécie Araucária, explorados até a extinção pela indústria madeireira, vinha um dos principais alimentos da população da região que é o pinhão, porém esta relação entre este grupo social com o meio natural vai muito além do funcional. Sassi (1982), demonstra através do conto a profundidade da relação entre o ser humano – representado pelo caboclo João Onofre e seu “amigo velho” – representado pela árvore. Porém, a continuidade do conto expressa a realidade material deste contexto, onde o pinheiro é cortado fazendo com que João Onofre tivesse consciência de sua condição social de explorado e expropriado. A vida de João Onofre ficou mais difícil sem o pinheiro, pois o personagem teve que se deslocar muito mais em busca de alimento, até que ele morre.

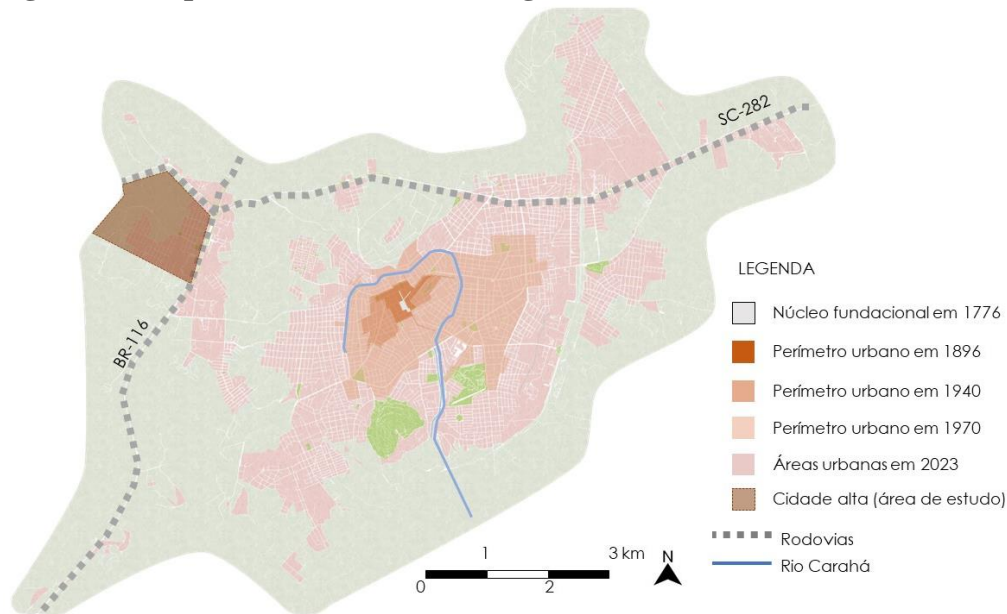
Este conto pode ser interpretado como uma *paisagem* pois, ao analisá-lo, podemos compreender a relação do ser humano com a Natureza, expressa de maneira simbólica, mas também a relação social e econômica deste contexto histórico que, neste local – planalto serrano catarinense – explorava e consumia completamente os seres vivos (humanos e não-humanos). Esta análise corrobora Cosgrove (1983), quando ele diz que devemos partir da unidade de um modo de produção como um modo de vida, isto é, simbolicamente constituído, compreendendo que “os grupos atribuem significados a lugares e paisagens como parte de uma mais ampla identidade compartilhada e comunicada, uma identidade que frequentemente atravessa linhas de classes” (Cosgrove, 1983, p.09).

Os resultados obtidos na pesquisa indicam que nas áreas rurais do planalto serrano catarinense, as práticas culturais, religiosas e sociais dos caboclos ainda estão presentes, porém, nas áreas urbanas sucessivas políticas de ordenamento urbano de caráter higienista ampliaram a segregação e marginalização dos caboclos em bairros periféricos, como é o caso da cidade de Lages/SC onde os caboclos estão apartados do restante da cidade por meio de rodovias,

² Monge João Maria (Giovanni Maria de Agostini) de origem italiana, que chegou no Brasil em 1844 e se tornou conhecido popularmente por rezar, benzer e curar a população pobre do planalto meridional com ervas medicinais (Welter, 2007).

formando a região da “Cidade Alta”³, conforme esquematizado na Figura 1.

Figura 1 - Mapa da área urbana de Lages/SC com a Cidade Alta destacada.



Fonte: Adaptado pela autora a partir de Mapa Ilustrado do Patrimônio de Lages (2023).

É em meio a galpões industriais e torres de transmissão que vivem os caboclos, com seu modo de vida muito mais harmônico com a Natureza do que a “modernidade” industrial. Esta fusão resulta em uma paisagem urbana complexa por seus contrastes e contradições, como é possível visualizar na fotografia da Figura 2 e no desenho da Figura 3.

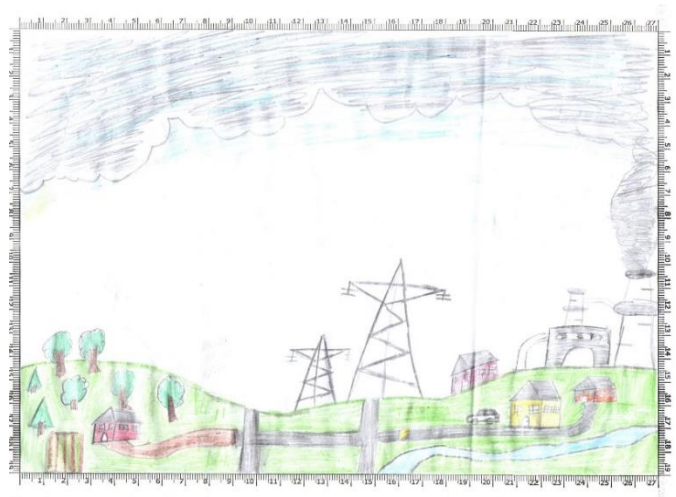
Figura 2 – Vista do interior da Cidade Alta, Lages/SC.



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

³ Cidade Alta é uma localidade da área periférica de Lages/SC - formada pelos bairros Cidade Alta, Caroba, Santa Mônica e Cidade Industrial. A ocupação desta porção noroeste da cidade iniciou na década de 1970 com o objeto de delimitar a área industrial da cidade.

Figura 3 – Desenho elaborado por estudante morador da Cidade Alta em atividade com os alunos de geografia do EMEB Izidoro Marim sobre as percepções da paisagem.



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Apesar dos contrastes, este local é conhecido no senso comum por ter certas “particularidades” no comportamento de seus moradores como o hábito de prever as condições climáticas conforme comportamento dos animais, o hábito de contar “causos”⁴, as lendas, as memórias de antigos rituais religiosos (como os grupos de recomendações de almas), os benzimentos e possibilidade de conseguir remédios feitos com ervas plantadas nos quintais locais (Lages/SC, 2011).

Todos elementos que podemos relacionar como referências à cultura cabocla, graças ao aprofundamento através da literatura sobre o tema, mas principalmente através das entrevistas com os moradores que se autodefinem como tal e que perpetuam as práticas através de elementos materiais como suas casas de madeira, cozinhas com fogão à lenha, plantio de árvores de cedro em frente às suas casas (árvore que simboliza a crença no Monge João Maria), quintal com ervas medicinais, bem como de elementos intangíveis como os saberes de benzimento e a perpetuação de “causos”.

Figura 4 e 5 – Seu Mimi com trajes que confeccionou com sobras de tecido. Espetáculo “Dança do urubu e o Mimizinho curandô”.



Fonte: Acervo da pesquisa (2024) e Divulgação de Adilson Freitas [Instagram] (2022).

⁴ Modo de expressão dos caboclos através de lendas e narrações que envolvem episódios variados.

As memórias dos caboclos, apesar de invisibilizadas, podem ser acessadas nos “causos” contados para as novas gerações e ampliadas através de manifestações artísticas, como é o caso de Seu Mimi (figura 4), caboclo que migrou para a cidade ainda criança, que tem sua história representada por ser filho Adilson através do teatro de bonecos confeccionados com serragem. Assim, sua história pessoal, que representa a de outros tantos caboclos não é apenas recontada, mas ressignificada, já que nesta narrativa o Monge João Maria aparece ajuda o “mimizinho” a ir para escola e buscar outros caminhos além do que os caboclos estavam fadados na realidade material.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou lançar luz sobre a presença e a resistência da identidade cabocla no estado de Santa Catarina, especialmente na paisagem urbana da cidade de Lages. Através da análise simbólica e material da relação dos caboclos com o ambiente urbano, ficou evidente que, apesar de processos históricos de expropriação e marginalização, essa identidade persiste e se reconstrói de maneira sutil, mas significativa. A paisagem da "Cidade Alta" em Lages, com seus contrastes, revela traços de uma cultura que, apesar de invisibilizada pelas políticas de urbanização, ainda mantém vivas suas práticas e memórias. Os resultados reforçam a importância de repensar as narrativas históricas em Santa Catarina, valorizando as contribuições dos caboclos na formação da paisagem sociocultural do estado.

REFERÊNCIAS

BRANDT, Marlon; NODARI, Eunice. Comunidades tradicionais da Floresta de Araucária de Santa Catarina: territorialidade e memória. **História Unisinos**, vol. 15, núm. 1, enero-abril, 2011, pp. 80-90. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, Brasil, 2011.

COSGROVE, Denis E. **Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria**. Traduzido por Olívia B. Lima da Silva de “Towards a Radical Cultural Geography of Theory” (1983). Espaço e Cultura. Número 5, UFRJ, 1998.

FIGUEIRÓ, Adriano S. **Para uma compreensão dialética da paisagem cultural na Geografia: reflexões a partir da transformação da natureza por comunidades tradicionais peruanas**. In: PIMENTA, M. C. A.; FIGUEIREDO, L.C. (org.) Lugares: patrimônio, memória e paisagens. Coleção Urbanismo, Arquitetura e Cidade. Editora UFSC, Florianópolis, 2014.

LAGES (Câmara dos Vereadores). **Meu Bairro – Caroba**. Youtube: 8 de nov. de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LjpEJA6PTxs>. Acesso em: 28 de setembro de 2023.

RENK, Arlene; SAVOLDI, Adiles. Reconversão cabocla e invenção das tradições. **Revista Grifos** - n. 25 – dezembro, 2008.

RODRIGUES, R. R.; MACHADO, P.P.; TOMPOROSKI, A.A.; VALENTINI, D.J.; ESPIG, M.J. (org.) **A guerra santa do Contestado tintim por tintim**. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

SANTOS, Lilian L. F; SANTOS, Bruna E. C.; Silva, Gessica; ZANCHETT, Kassia; MORAES,



Lia; COSTA, Maria Eduarda; PACHECO, Tatiana. **Mapa ilustrado do patrimônio arquitetônico de Lages.** Elaborado e distribuído através do Prêmio Elisabete Anderle de estímulo à cultura – edição 2021, Fundação Catarinense de Cultural e Governo do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2021.

SASSI, Guido Wilmar. **Amigo velho: contos / Guido Wilmar Sassi.** 3ª edição revisada. Instituto Nacional do Livro - Movimento (Coleção Santa Catarina v.13) - Brasília, 1982.

Welter, Tânia. **O profeta São João Maria continua encantando no meio do povo: um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina.** Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.